

VOZES DO QUILOMBO: PERSPECTIVAS DA INTERSECCIONALIDADE À LUZ DA LITERATURA – EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ESTADUAL GILBERTO AMADO

Jacira dos Santos ¹

Sandra Ribeiro Alves ²

Sara Rogéria Santos Barbosa ³

INTRODUÇÃO

A escola brasileira configura-se como um espaço de circulação e encontro das múltiplas diversidades que compõem a sociedade. Nela, aspectos do regionalismo, das tradições locais e da formação histórica dos povos se manifestam de forma singular, refletindo as dinâmicas sociais e culturais que marcam a identidade brasileira. No entanto, esses mesmos espaços educacionais também reproduzem desigualdades estruturais, especialmente quando não consideram as intersecções entre os diferentes marcadores sociais que atravessam a vida dos sujeitos escolares. Nesse contexto, a interseccionalidade, conceito inicialmente desenvolvido por Kimberlé Crenshaw e aprofundado no Brasil por Akotirene (2019), emerge como uma ferramenta teórica e metodológica essencial para analisar como categorias como raça, gênero, classe, sexualidade e território se articulam de forma simultânea, produzindo formas específicas de opressão e exclusão. Como se vê:

A interseccionalidade é entendida como um 'sistema de opressão interligado' que circunda a vida de mulheres negras no encontro de avenidas identitárias, articulando de modo inseparável o racismo, o capitalismo e o cisheteropatriarcado. Esse conceito visa dar instrumentalidade teórico-metodológica para compreender como essas estruturas se imbricam e colocar as mulheres negras em posição de maior vulnerabilidade e exposição às opressões. (Akotirene, 2019, p. 19-20)

As palavras de Akotirene ressaltam como a interseccionalidade evoca uma relação entre racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado. Com isso, nota-se que as múltiplas formas de opressão vivenciadas pelas mulheres negras não podem ser vistas isoladamente, mas sim em sua complexa disposição estrutural. Em um país atravessado por um racismo estrutural e por um patriarcado historicamente enraizado, a interseccionalidade permite revelar as múltiplas camadas de vulnerabilidade que incidem, de maneira particular, sobre mulheres negras e populações periféricas (Akotirene, 2019; Collins, 2019; Davis, 2016). Assim, a presente

¹ Especialista em Língua Portuguesa e Linguística - FAMA, Jacy.se@hotmail.com

² Especialista no Ensino de História – FSL, alvesandra74@gmail.com

³Doutora do Curso Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia-UFBA, sararogeria@academico.ufs.br

pesquisa parte desse referencial para refletir sobre as vozes, silenciamentos e resistências presentes no cotidiano escolar de estudantes negras, a partir de experiências vividas em uma escola pública de um território tradicional quilombola urbano.

O presente trabalho apresenta os resultados parciais de uma prática pedagógica chamada Vozes do Quilombo direcionada e desenvolvida na Escola Estadual Gilberto Amado, localizada no bairro Porto da Areia, em Estância-SE, território reconhecido por sua forte presença de comunidades quilombolas urbanas e expressiva população negra. A pesquisa foi fundamentada na teoria da interseccionalidade, conforme os aportes das autoras Akotirene (2019), Collins (2019) e Davis (2016) que evidenciam como raça, classe e gênero são observados como indicadores e se entrecruzam na produção de desigualdades e vulnerabilidades sociais, especialmente na trajetória de mulheres negras.

Destaca-se ainda que como filtro, é preciso especificar que o grupo focal da pesquisa são estudantes, jovens negras de comunidade quilombola, cujo processo de identificação, pertencimento e empoderamento a partir do fortalecimento de suas identidades negras, ainda precisa ser aprimorado. Ou seja, é preciso letrar e aquilombar as jovens da referida comunidade, valendo-se das teorias emergentes do conceito de interseccionalidade. Ao dar visibilidade às vivências dessas alunas por meio da literatura e da escuta ativa, fortaleceu-se o senso de pertencimento e identidade, promovendo um ambiente mais acolhedor e crítico. Assim, a interseccionalidade se tornou uma ferramenta potente de transformação no espaço educacional.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral desenvolver uma prática educativa interseccional que promovesse o empoderamento e a valorização da identidade racial e de gênero entre estudantes negras. Estabeleceu-se como procedimento metodológico a pesquisa de abordagem quanti-qualitativa, com caráter interventivo e participativo, desenvolvida ao longo de três meses, integrada às aulas das disciplinas das Áreas de Linguagens para o Ensino Fundamental II, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como se destaca Brasil (2018, p. 63) que afirma que “as atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital”.

A referida ação didática buscou promover, por meio da literatura de autoras negras, um espaço de reflexão, escuta e construção identitária crítica com estudantes do Ensino Fundamental II (7º ao 9º Ano). O diálogo com as obras *Mulheres, raça e classe* (Davis, 2016) e *Uma história feita por mãos negras* (Ratts, 2021), além do conto de *Confissões de Dona Cora*,

(Cruz, 2024) fortaleceu a compreensão das múltiplas formas de opressão vividas pelas mulheres negras e ampliou a discussão sobre superação de vulnerabilidades no contexto escolar.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual Gilberto Amado (EEGA), situada no bairro Porto D'Areia, na cidade de Estância-SE, um bairro remanescente de quilombo urbano, sendo o primeiro do interior do estado a receber tal reconhecimento. O projeto “Vozes do Quilombo: afroletrar jovens para empoderar e aquilombar mulheres”, implementado através das seguintes etapas: 1. Levantamento bibliográfico com base nos referenciais de Akotirene (2019), Hill Collins (2019) e Angela Davis (2016); 2. Seleção de obras literárias afro-brasileiras, incluindo Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus; 3. Rodas de conversa após as leituras, com mediação crítica utilizando a “lupa interseccional” de Akotirene; 4. Elaboração e aplicação de um formulário de percepção socioemocional com perguntas abertas e fechadas, inspiradas nos debates de Angela Davis sobre raça, gênero e classe.

As obras selecionadas para o desenvolvimento da pesquisa junto às alunas do 8º e 9º anos do bairro Porto D'Areia foram escolhidas com base em sua relevância para a realidade social, cultural e histórica da comunidade. Trata-se de um território marcado pela vulnerabilidade social, com famílias que vivem da pesca artesanal e que, em sua maioria, estão inseridas em programas de assistência. Por isso, optou-se por autoras e autores cujas reflexões abordam interseccionalidades de raça, gênero e classe, como Akotirene (2019), Hill Collins (2019), Angela Davis (2016) e Beatriz Nascimento (Ratts, 2021). A pesquisa, de abordagem quanti-qualitativa, teve caráter mediático e participativo, priorizando a escuta e o protagonismo das alunas. Ao longo de três meses, no contraturno escolar, foram realizadas rodas de conversa, leituras compartilhadas e produção de narrativas. Assim, as participantes foram tratadas como sujeitas do processo, e não como objeto de estudo, garantindo o respeito às suas vivências e saberes.

Esses aportes teóricos forneceram as bases para discutir interseccionalidade, empoderamento, resistência e construção de identidades. As atividades foram planejadas para promover reflexões a partir das vivências das alunas, fortalecendo o protagonismo juvenil e ampliando sua consciência crítica. A metodologia participativa permitiu que as estudantes se reconhecessem como sujeitas ativas no processo educativo e na luta antirracista, valorizando suas experiências e saberes como parte essencial da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As análises preliminares indicam avanços significativos na consciência racial e no fortalecimento da identidade entre as participantes. As estudantes negras relataram sentimentos de reconhecimento e pertencimento, especialmente após o contato com autoras como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus. Expuseram que em vários momentos da leitura se sentiram atravessadas por sentimentos antes nunca experimentados ou observados. O uso da literatura como disparador emocional e cognitivo possibilitou a emergência de narrativas pessoais sobre racismo, desigualdade, relações de afeto e resiliência.

Observou-se que, antes dessa iniciativa pedagógica, muitas alunas apresentavam baixa autoidentificação étnico-racial. Refletindo um distanciamento de suas raízes e origens culturais. Uma vez que a ausência de referências positivas e representativas contribuía para a fragilidade da autoestima e do empoderamento dessas estudantes. O racismo, muitas vezes internalizado ou naturalizado no ambiente escolar e social, agravava esse cenário, gerando insegurança e sentimento de inferioridade, em vez de pertencimento. A falta de valorização da diversidade racial nas práticas pedagógicas reforçava estigmas e invisibilizava identidades negras. Além disso, a escassa representatividade de mulheres negras em posições de destaque impedia a construção de modelos inspiradores. Essa realidade revelava a necessidade urgente de estratégias educativas antirracistas e afirmativas. O pertencimento racial e a valorização da cultura afro-brasileira são fundamentais para a construção de identidades fortalecidas. Com a implementação da nova abordagem, foi possível ampliar a consciência crítica, o orgulho racial e o empoderamento entre as alunas. Após as discussões teóricas e estratégias planejadas, houve aumento significativo nas respostas que afirmavam orgulho da identidade negra.

Segundo Nascimento (2021), o orgulho da identidade negra é compreendido como um ato político e de resistência frente a séculos de apagamento histórico e violência racial. Para a autora, reconhecer-se negro vai além da aparência física; trata-se de uma reconstrução profunda da memória coletiva e da valorização das raízes africanas na formação do Brasil. Beatriz destaca a importância dos quilombos não apenas como espaços de fuga, mas como territórios de produção cultural, intelectual e de liberdade, símbolos vivos de autonomia negra. Ela propõe que o orgulho racial surge a partir do conhecimento da própria história e do papel protagonista que os negros sempre tiveram, apesar das tentativas de silenciamento. Nesse sentido, a identidade negra deve ser celebrada e fortalecida por meio da educação, da ancestralidade e da afirmação cultural. Sua perspectiva incentiva a juventude negra a se ver como herdeira de uma

trajetória rica e potente, resgatando saberes, práticas e valores que reafirmam a dignidade e a humanidade negra.

A elaboração e aplicação do formulário de avaliação permitiu mapear aspectos como autoestima, percepção de racismo estrutural e projetos de futuro, mostrando a importância de práticas pedagógicas que tragam o debate interseccional para o cotidiano escolar. As respostas foram analisadas por meio da técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), com categorização temática. Desta forma, os relatos das estudantes evidenciaram um novo olhar sobre a educação como espaço de luta e transformação social, como reforça Davis (2016) ao discutir o papel das mulheres negras nas resistências históricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que, a experiência na Escola Gilberto Amado reforça a importância de ações educativas baseadas em literatura negra e na teoria da interseccionalidade como potentes ferramentas de transformação social no contexto da educação básica. As vozes do quilombo, silenciadas historicamente, ganham força quando a escola assume seu papel político-pedagógico na luta contra o racismo estrutural e pelas equidades de gênero e classe. O presente estudo “Vozes do Quilombo” evidenciou como a valorização de narrativas negras, articuladas a uma abordagem crítica das relações de gênero, raça e classe, promove a ressignificação das identidades estudantis e o fortalecimento do sentimento de pertencimento. A literatura foi utilizada como instrumento de escuta, reflexão e reconhecimento da ancestralidade, despertando nas alunas o orgulho de suas raízes e a capacidade de se posicionarem frente às opressões cotidianas.

A interseccionalidade, enquanto lente teórica, permitiu analisar as múltiplas camadas de desigualdade que atravessam suas vivências, promovendo o pensamento crítico e a solidariedade coletiva. A prática pedagógica, ancorada em autoras como Carla Akotirene, Angela Davis, Conceição Evaristo, Beatriz Nascimento, Taylane Cruz e bell hooks rompeu com a neutralidade escolar e promoveu um espaço de acolhimento e de empoderamento. Essa experiência revela que a educação antirracista e feminista, quando construída com base no território e nas vozes dos sujeitos, transforma realidades e amplia horizontes de liberdade e justiça social. Futuros desdobramentos incluem a ampliação do projeto para outras turmas e a

construção de uma cartilha pedagógica voltada a educadores interessados em aplicar práticas antirracistas com base na interseccionalidade.

Palavras-chave: Letramento racial crítico; Educação para aquilombar; Protagonismo estudantil.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. **Diário Oficial da União**, Brasília, 15 de dezembro de 2010, Seção 1, p. 34. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/dm/documents/rceb007_10.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2017
- COLLINS, Patrícia Hill. **Interseccionalidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- CRUZ, Taylane. **As conchas não falam**. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2024.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018.
- hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.
- QEDU. **Escola Estadual Gilberto Amado – Aprendizado (INEP 28025032)**. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/28025032-escola-estadual-gilberto-amado/aprendizado>. Acesso em: 28 ago. 2025.
- RATTS, Alex (Org.). **Beatriz Nascimento**: uma história feita por mãos negras. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- SARR, Felwine. **Afrotopia**. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- SERGIPE. **Secretaria de Estado da Educação** – Escola Estadual Gilberto Amado (DRE01). Disponível em: <https://seduc.se.gov.br/dre01-estancia-escola-estadual-gilberto-amado/>. Acesso em: 28 ago. 2025.